



V CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE - CIMFor

Temas emergentes em Educação: Docência em movimento no contexto atual
10 a 13 de setembro de 2024

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE GRADUANDOS EM PEDAGOGIA: lembranças que permanecem

Gabryel Cardoso Pavão¹
Luiz Eduardo Paulino da Silva²
Francisca Maciene da Cunha Gomes³

Resumo

O objetivo deste trabalho é relatar a vivência da monitoria voluntária em Teoria e Prática do Ensino na Educação Infantil, no semestre 2023.1, no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional. É um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado a partir das memórias dos graduandos sobre um acontecimento inesquecível no período da infância. A monitoria voluntária foi uma iniciação no ensino superior, na qual o monitor conheceu as atividades concernentes a disciplina. Atuar como monitor voluntário na disciplina possibilitou a aquisição de conhecimentos práticos e teóricos, despertando assim meu interesse e aspiração pelos temas relacionados à educação infantil. Essa vivência contribuiu para a agilidade no processo de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento de novas habilidades, tais como autonomia, automotivação, trabalho em equipe e espírito colaborativo. Mediante essa experiência, uma situação me desperta atenção, as memórias de infância de graduandos de pedagogia, as quais, no decorrer da disciplina, suscitaram reflexões, diálogos e questionamentos sobre os seres humanos que narram memórias. Conclui-se que as memórias de infâncias estão intrinsecamente enraizadas em cada pessoa. A partir da monitoria, compreendo o quanto é necessário o professor instigar os educandos a narrarem suas reminiscências da infância.

Palavras-chave: Acadêmicos. Memórias. Infâncias.

Eixo Temático: Eixo 1 – Memória e formação de professores.

1 Graduado em Pedagogia. Universidade Federal do Amapá. pavaogabryel@gmail.com

2 Doutor em Educação. Universidade Federal do Amapá. paulino.jesus@unifap.br

3 Graduada em Pedagogia. Universidade Federal do Amapá. macienegomesap@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao ingressar no ensino superior, os acadêmicos trazem consigo memórias que marcaram sua infância. Enquanto monitor da disciplina Teoria e Prática do Ensino na Educação Infantil, do curso de Pedagogia, do Campus Binacional, Oiapoque/Amapá, destaco que a turma é diversificada, ou seja, composta por uma variedade de estudantes, tanto indígenas quanto não indígenas, cada um trazendo consigo suas próprias experiências por meio da memória.

As lembranças da infância adentram conosco na universidade, muitas vezes adormecendo ao longo do percurso, por não incluirmos essa área do conhecimento em nosso cotidiano acadêmico. Contudo no decorrer da disciplina, o professor nos impulsiona a trazer memórias que marcaram nossa infância. No curso de Pedagogia, não temos um componente específico que trabalhe a memória; contudo, resgatar a memória por meio das lembranças foi desafiador, mas sobretudo instigante, onde pudemos dialogar sobre uma memória do passado que nos faz refletir no tempo presente.

Como monitor voluntário da disciplina, compreendi o quanto o docente deve instigar no aluno trazer essas reminiscências, por meio da oralidade ou escrita, pois essas lembranças nos fazem entender um pouco do sujeito que está ingressando em um curso, seja no ensino básico, seja no superior. Os relatos acadêmicos mostram a importância de suas memórias, que precisam ser narradas.

O objetivo deste artigo é relatar uma experiência, na monitoria voluntária em Teoria e Prática do Ensino na Educação Infantil, sobre as memórias da infância, pelos graduandos de Pedagogia. Contudo, procuramos fazer as seguintes indagações: os acadêmicos carregam lembranças da infância? Os professores instigam os acadêmicos a narrarem suas memórias da infância para não cair no esquecimento? Esses e outros questionamentos serão respondidos no decorrer do relato de experiência.

Todavia, como monitor voluntário da disciplina, compreendi o processo de ensino acadêmico, onde o professor ministrou aulas teóricas e práticas: as teóricas foram baseadas em autores que discorrem sobre a educação infantil, nas leis e documentos legais que tratam da educação infantil; nas práticas, utilizou-se brincadeiras, como dança das cadeiras, pular corda, queimada, vivo ou morto, passa o anel, jogos, gincanas, dinâmicas, cantigas infantis e outros.

Poderíamos discutir o resgate das brincadeiras tradicionais, mas neste trabalho propomo-nos a dialogar com as narrativas trazidas por acadêmicos em curso na Pedagogia; os alunos sendo instigados a descrever uma memória, onde cada um propôs escrever e narrar para os colegas de classe, com oito narrativas, quatro indígenas e quatro não indígenas, para que essas memórias não caiam no esquecimento.

Por meio das memórias revivemos as lembranças da época de criança, Sejam lembranças boas ou ruins, todos carregamos memórias; e mediante nossas memórias compreendemos nossa identidade. Segundo Candau (2014, p. 19) “[...] a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporarem’ certos aspectos particulares do passado”.

Nessa perspectiva, nossas memórias estão arquivadas. Cada ser humano tem suas memórias para lembrar. A memória tem se tornado uma valiosa fonte de pesquisa, e no meio acadêmico é preciso resgatá-la, para não cair no esquecimento. Halbwachs (1990, p. 59) “[...] quando se trata de lembranças de nossa infância, vale mais não distinguir uma memória pessoal, [...] Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória[...].” Entretanto, é através de nossas vivências infantis que construímos nossas memórias, e os acadêmicos narraram suas experiências mais marcantes.

No decorrer deste trabalho, serão expostas as narrativas dos estudantes de pedagogia, a partir das recordações de infância que evocam. Foram selecionadas um total de oito memórias, das quais quatro pertencem a acadêmicos indígenas e quatro a não indígenas. Posteriormente, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

REMINISCÊNCIA DE ACADÊMICOS DA PEDAGOGIA

As memórias da infância dos acadêmicos em Pedagogia nos levam a refletir sobre a experiência que os graduandos vivenciaram quanto criança, e narram a clareza do momento vivido, da descoberta, por meio das ações e sentimentos, tais como medo, alegria, choro, cuidado etc. Contudo, a proposta docente foi inspiradora, instigando os educandos a partilhar memórias de um evento breve, porém marcante.

Izquierdo (2011) afirma que nada somos sem as lembranças; sem as mesmas o sujeito é aniquilado. No entanto, por meio da subjetividade, os alunos registraram espontaneamente um acontecimento da trajetória da infância, sem interferência de um determinado período da infância.

Os acadêmicos compartilharam suas narrativas em sala de aula, refletindo o momento vivenciado. De acordo com Halbwachs (2013), a formação da nossa memória pessoal é um processo contínuo e está intimamente relacionada à criação das memórias compartilhadas pelos diferentes grupos nos quais fazemos parte. Nesse sentido, os educandos compartilham memórias coletivas, vividas em meio social.

Selecionamos oito narrativas, quatro de acadêmicos não indígenas e quatro de acadêmicos indígenas, onde utilizamos nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos. Os nomes fictícios foram sugeridos pelos graduandos como títulos de suas narrativas, que são: Brincando na Rua, A Morte do Pato, Lembranças da Infância, História de Criança, Narrativa de Minha Infância, As Malditas “Cabas”, O Barco e O Choque de Poraqué.

Os resultados desses relatos de experiência, especialmente das memórias de infância, nos concederam um pensar para além da monitoria, pois em todos os tempos arquivamos memórias, que muitas vezes servem apenas como algo intrínseco, sem que aconteça a partilha de um saber que também é conhecimento. O acadêmico Brincando na Rua descreveu a seguinte narrativa:

Eu tinha doze anos. Numa noite estava participando de um grupo denominado “célula” na minha igreja; no final, eu e meus amigos fomos brincar de polícia e ladrão; nessa brincadeira, eu estava de ladrão. No decorrer da brincadeira, acabou a energia. Os meus amigos que estavam de policiais pegaram lanternas em suas casas e vieram procurar os que estavam de ladrões. Brincávamos em um terreno baldio do lado de nossas casas; o mato era alto, tinha um caminhão estacionado, me escondi debaixo do caminhão; em cima tinha mais dois meninos e no matagal tinha mais um garoto. Os meninos que eram policiais nos procuravam; lembro que deu uma adrenalina; um dos meninos policiais encontrou o garoto que estava no matagal e começou a correr atrás, só dava para ver a lanterna chacoalhando no matagal. Nesse momento aproveitamos e corremos; quando um dos meninos policiais percebeu que tínhamos fugido começou a gritar, “pega ladrão, pega ladrão”; os demais correram atrás de nós. Nessa gritaria de pega ladrão, passou uma viatura; onde ouviram os gritos, rapidamente ligou a sirene; naquele momento a gente correu de verdade, era menino por meio do matagal, pulando muro e alguns entraram novamente na casa onde acontecia a célula de nossa igreja. Um policial bateu na porta perguntando o que estava acontecendo, a pastora disse: “Eles estavam brincando de polícia e ladrão”; um dos policiais falou: “Não é bom esse tipo de

brincadeira”, sugeriu brincarmos de pega-pega ou pique esconde. Depois disso, não quis mais brincar de polícia e ladrão. Logo após, minha mãe chegou e me levou para casa, estava suado e sujo de lama. **Essas lembranças permanecem até hoje**; lembro-me da cara daquele policial e do terror que ele me fez passar.

As memórias da infância desempenham um papel crucial na formação da identidade e no comportamento da vida adulta. A experiência narrada, onde uma brincadeira de polícia e ladrão se transformou em uma situação real com policiais, ilustra como eventos vividos na infância podem deixar marcas emocionais duradouras.

De acordo com Mourão e Faria, essas memórias são um exemplo do conceito de “memória episódica”. “A memória é um dos mais importantes processos psicológicos, pois além de ser responsável pela nossa identidade pessoal e por guiar em maior ou menor grau nosso dia a dia, está relacionada a outras funções, como a função executiva e o aprendizado”. (Mourão e Faria, 2015, p. 780)

As recordações de eventos específicos e suas emoções associadas ocasionam experiências emocionais intensas, podendo ter um impacto profundo na forma como indivíduos percebem e interagem em sociedade por toda vida. A emoção de medo e adrenalina sentida pode ser internalizada, influenciando reações a situações de autoridade e risco no futuro.

Nessa perspectiva, a internalização de experiências pode moldar comportamentos e atitudes, gerando aversões ou preferências específicas. No caso relatado, a associação negativa com a brincadeira de polícia e ladrão pode levar a uma repulsa de atividades similares. Em termos de desenvolvimento psicológico, essas experiências contribuem para a formação das crenças, valores e estratégias de enfrentamento, mostrando a importância das memórias infantis na construção da vida adulta.

Falar sobre memória é discorrer sobre conhecimento, ou seja, trata-se das riquezas do passado (Nery, 2020). Na tabela a seguir traremos três narrativas de acadêmicos que em alguns aspectos se encontram como as travessuras que as crianças vivenciaram em algum período da vida.

Tabela 1 – Narrativas dos graduandos não indígenas da Licenciatura em Pedagogia	
A Morte do Pato	Um dia minha mãe resolveu fazer um almoço e o nosso cardápio seria um pato. Ela pegou o pato, amarrou e deixou de cabeça para baixo. Eu e meus irmãos tivemos a curiosidade de mexer o pato. Então um dos meus irmãos teve a ideia de pegar um pau e bater na cabeça do pato. Só que em vez de acertar o pau na cabeça do pato, acertou em mim, bem na minha frente; senti o sangue escorrer, minha irmã gritou por mamãe informando que o meu irmão tinha me matado. Minha mãe largou o que estava fazendo e foi me socorrer. Levantei-me do chão, mamãe estancou o sangue colocando uma faixa

	no ferimento. Chamou meus irmãos para conversar, ouvia os meninos chorando, pedindo desculpas, dizendo que foi sem querer. Meu irmão tinha oito anos e eu sete e minha irmã seis. Depois de toda essa confusão, minha mãe não desistiu do nosso almoço. Até hoje fiquei com a cicatriz na frontal. Essas lembranças permanecem até hoje, penso até que ponto chega à curiosidade de uma criança.
Lembranças da Infância	Lembro de muitas coisas da minha infância. Certo dia estava matando formigas com um canudo de refrigerante, eu queimava o canudo e pingava nas formigas. Minha mãe não estava vendo o que eu estava fazendo, até que ela se aproximou de mim sorrateiramente e falou: “o que é isso que você está fazendo?” Foi quando o canudo que ainda estava quente, pingou em mim, tive um susto e nesse momento sofri queimadura grave, que me deixou uma cicatriz que até por muitos anos eu tinha vergonha. Essas lembranças permanecem até hoje, e a cicatriz faz parte da minha vida, até gosto dela.
História de Criança	Estava na pré-escola. Como de praxe, todos os dias iria para a escola acompanhado com meus pais ou alguma irmã. O melhor horário para mim era o “recreio”. Esse momento era importante porque além das brincadeiras existia o lanche. Na educação infantil, tinha vários brinquedos, entre eles o “escorrega bunda” e uma roda que não me recordo o nome. Essa roda era melhor atração entre os brinquedos porque conseguia que várias crianças brincassem ao mesmo tempo. Era uma roda em que as crianças subiam com ajuda das outras, empurrando para poder se manter em movimento. Essas lembranças permanecem até hoje, penso na quantidade de vezes que eu me colocava à disposição para empurrar e quando ela pegava o embalo acabava me derrubando. As vezes tinha que tomar banho e ficar aguardando meu responsável chegar com outra roupa, pois sempre ficava sujo de lama. Em outro momento briguei com um coleguinha e acabei jogando uma cadeira que acertei o seu nariz, fiquei um tempão debaixo da mesa esperando minha mãe chegar.

Na narrativa de A morte do Pato percebe-se um episódio onde a curiosidade infantil resultou em um acidente. Um irmão, tentando acertar o pato, acabou atingindo a frente da irmã, causando um ferimento e deixando uma cicatriz. Esse episódio enfatiza a natureza exploratória das crianças e os riscos inerentes a essa curiosidade quando afastadas dos alhares adultos. Alves (2004) diz que toda criança tem o desejo de conhecer; por meio da curiosidade as crianças despertam sentimentos que os adultos as vezes não compreendem.

A história de Lembranças da Infância anuncia uma criança que “brinca em matar formigas”, onde ela sofreu uma queimadura. A cicatriz resultante foi motivo de compreender que da mesma maneira que a criança sentiu, as formigas sentiam, nos fazendo lembrar a lei do retorno, mostrando como as experiências dolorosas podem deixar marcas físicas e emocionais. A queimadura não apenas serviu como uma lição sobre as consequências das ações, mas como um símbolo de crescimento pessoal. Na vida adulta, essa experiência pode traduzir-se em uma maior cautela, respeito pelas consequências das ações e uma aceitação mais plena de si mesmo.

História de Criança fala ainda da pré-escola, onde o recreio era um momento especial, principalmente as brincadeiras coletivas. Porém, no incidente onde se machucou um colega faz com que a criança se esconda. Essas memórias destacam a importância nas

interações sociais e do aprendizado por meio das brincadeiras. É na infância que a criança aprende a ter responsabilidade na vida adulta. Essas lições se traduzem em uma maior capacidade de lidar com conflitos e uma compreensão mais profunda das emoções.

As narrativas acima sublinham a importância das experiências de infância na formação da identidade e dos valores pessoais. Nem sempre o professor ou os responsáveis estão atentos a esses eventos, que para a criança são involuntários. Os desafios enfrentados durante a infância podem desenvolver resiliência, ensinar sobre as consequências das ações e promover a autoaceitação. Conforme Alves (2004), a escola e a família são instituições criadas pelos seres humanos, mas podem ser estruturadas com o foco sempre no sujeito, que é o centro do processo de ensino e aprendizagem.

Em suma, as memórias de infância não são apenas fragmentos do passado, mas sim alicerces que moldam a personalidade, os valores e as capacidades de lidar com adversidades na vida adulta. Essas experiências, com suas cicatrizes físicas e emocionais, contribuem para a formação de indivíduos mais compreensivos, resilientes e conscientes das suas ações e suas consequências. Na tabela a seguir, apresentaremos três narrativas de acadêmicos que, relembram as brincadeiras vivenciadas quando crianças em algum momento de suas vidas.

Tabela 2 – Narrativas dos graduandos não indígenas da Licenciatura em Pedagogia	
Narrativa de Minha Infância	Eu e meus irmãos gostávamos de brincar fazendo bolinho de lama. Em um certo dia, meu irmão mais velho inventou de entrar na casa em reforma de nosso avô paterno, onde estamos proibido de entrar. Pois bem, entramos, quando estávamos no andar de cima, começamos então a brincar. Meus dois irmãos buscavam barro perto do poço e pegavam água na torneira; enquanto esperava, eu era a boleira. Essa casa onde brincávamos ficava bem próximo da casa da prima de nossa mãe, era uma casinha simples de madeira. A mulher ia todos os dias pra roça com seus filhos, não sei o que se passou na mente do meu irmão mais velho, de repente falou que os bolinhos que estavam prontos era para jogarmos na casa da mulher, e tinha muitos. Meus irmãos começaram a jogar e o mais velho dizia que quem errasse perdia ponto, eu continuava fazendo os bolinhos, a casa da mulher ficou toda pintada de barro e nós achando engraçado. Quando acabou a brincadeira, juntamos e limpamos os brinquedos e o local para não deixar nenhum rastro. Não me recorde como mamãe descobriu, (acho que contei), ela brigou com a gente e eu ainda falei que foram meus irmãos que mandaram fazer os bolinhos e que eu não tinha jogado nada. Essas lembranças permanecem até hoje, não sei se a mulher descobriu alguma coisa e falou com mamãe.
As Malditas “Cabas”	Quando eu tinha entre dez anos, minha vizinha chamou minha prima Clarisse, meu irmão Guibson e eu para irmos partir lenha. Vestimos nossas roupas velhas e rasgadas, e minha avozinha pegou o panelaço, machado, balde de jamaru, cuia, farinha e a colher e fomos a roça, que não ficava longe da aldeia Japiim; chegando na roça minha vizinha começou a partir lenha, de preferência o (buasab) que segundo ela era a melhor lenha. Enquanto minha vó partia lenha, minha prima, meu irmão e eu fomos no matagal atrás

	<p>de (papaibix), inajar e (cunanã); era uma alegria sem comparação, subíamos nas árvores, algumas até quebravam conosco. Em meio a diversão tivemos a ideia de brincar de luta com espada que nem no filme (Xena: a princesa guerreira); nossa espada seria aquele pau da folha da embaúba. Começamos a brincar e brincar; era tanta risada que a natureza com certeza estava assustada de preferência as benditas cabas. Em um certo momento meu irmão pegou da minha mão a espada e jogou bem longe, eu fiquei chateada e logo fui procurar entre as árvores. Por fim, avistei minha espada e corri para pegar, só não sabia que ela estava fincada em um enorme ninho de caba chamado (mux tatu), quando puxei a espada as cabas me atacaram dos pés à cabeça; fiquei toda ferrada, em meio ao desespero gritei alto, tão alto que todos da aldeia ouviram meus gritos, pensavam que era uma onça que tinha nos atacado. Enquanto gritava, chorava em meio a tantas cabas; minha prima resolveu incorporar a Xena (princesa guerreira) e foi me socorrer, ela me puxou pelos braços e saímos correndo, esse ato a fez também levar picadas das cabas, fui salva. Passou-se uns três a cinco minutos do terror. Meu avô chegou na roça todo armado, era espingarda, revólver, enfim, contamos para ele o que tinha acontecido. Quando cheguei em casa minha mãe encheu uma bacia com água e me colocou dentro para banhar, porque eu estava toda inchada e não conseguia me movimentar, meu corpo estava doendo; depois tentei vestir minha roupa, mas não consegui, fiquei de calcinha, minha mãe passou vick por todo meu corpo. Alguns minutos depois eu estava tremendo de febre e dor de cabeça. Essas lembranças permanecem até hoje, pois sobrevivi.</p>
<p>O Barco</p>	<p>Um dia como qualquer outro, no verão, costumava brincar como qualquer outra criança; brincava nas canoas dos meus familiares sempre quando íamos fazermos piquenique no outro lado da aldeia. No ano de 1999 tinha 7 anos de idade, o dia amanhecia tão lindo que a família resolveu fazer um piquenique, todo mundo foi, só ficou o meu avô. Os meus pais pescavam muitos peixes e meus tios pegavam muitos camarões. Quando deu umas dez horas, eles começavam a assar peixes na beira do rio, o meu tio tinha uma canoa pequena, eu gostava muito de pescar nela, mas saía muito longe da vista da minha família. Quando a comida ficou pronta, meus pais e meus tios me mandaram levar comida para o meu avô na canoa do meu tio. Eles colocaram a comida numa panela para eu entregar para meu avô na aldeia; eu peguei a panela, coloquei na canoa, e o meu tio empurrou a canoa, eu fui remando, estava tão feliz naquela canoazinha que só cabia duas pessoas; meus pais estavam me olhando de longe. Nesse dia tinha um barco de pescador no meio do rio, ele tinha ido vender peixe salgado na aldeia Kumarumã; depois de vender os peixes, os pescadores o deixavam parado no meio do rio. Quando eu o vi de longe era tudo tranquilo, tinha muito vento no rio; quando me aproximei do barco, vi que o barco estava vindo na minha direção, parei de remar, comecei a gritar e chorar desesperadamente. Os meus pais estavam me observando de longe, e eles sabiam que no barco não tinha ninguém, e ele estava parado sem fazer nada; tentei ir para frente não sei quantas vezes, até que desisti por medo de ser atropelado por ele; tive que retornar onde meus pais estavam, com lágrimas nos olhos; eles me perguntavam por que voltei, e eu comecei a contar para eles sobre o barco, e eles já sabiam o que tinha acontecido e começaram a rir até porque o barco parecia que vinha na minha direção por causa da ventania, depois do susto não consegui entregar a comida para o meu avô. Essas lembranças permanecem até hoje, o meu tio resolveu ir em meu lugar levar a comida para o vovô.</p>

As narrativas refletem a essência da infância marcada pela curiosidade, pela busca de aventura e pelas lições aprendidas mediante as experiências e das interações familiares. Em “Narrativa de Minha Infância”, vemos a curiosidade e a travessura das crianças

desobedecendo a regras e enfrentando as consequências. Em “As Malditas ‘Cabas’”, a exploração na natureza e a brincadeira resultam em um incidente doloroso que ressalta a importância do cuidado familiar. Finalmente, em “O Barco”, a independência e o medo se entrelaçam, mostrando como situações desafiadoras são enfrentadas com apoio e compreensão dos adultos. Cada memória destaca o impacto duradouro das experiências infantis na formação da identidade e dos valores pessoais. O Choque de Poraquê conta:

Eu tinha sete anos e minha irmã tinha cinco anos. Gostava de ir pescar, um dia, eu, minha mãe, meu pai e minha irmã fomos para o kharb raspar mandioca, chegando lá meu pai foi para a roça arrancar o último jamaxi de mandioca que faltava. Eu e Susy ficamos no kharb com a mamãe que estava raspando mandioca. Eu e Susy fomos brincar, colhemos folhas para fazer comida para nossas bonecas, mas não estava gostando, queria mesmo era ir pescar. Convidei a Susy para irmos pescar e ela concordou com a condição de que eu a deixasse pescar também. Peguei a enxada, comecei a cavar minhocas e ela ajuntava em uma cuia, depois perguntei para nossa mãe se podíamos pescar, mamãe disse que não, pois precisaria da nós para lavar as mandiocas raspadas. Não obedeci e disse que não demorávamos. Fomos para nossa aventura. Peguei a isca e coloquei no anzol, comecei a pescar, não demorou muito, puxei um peixe, depois de alguns minutos peguei o segundo, Susy disse que se eu pegasse mais um peixe seria a vez dela de pescar, eu feliz, concordei. Passou mais alguns minutos, percebi que algo estava puxando a linha do caniço para o fundo e parecia ser um peixe grande, só que na hora de puxar, engatou no barranco que estava no fundo, eu não queria perder o peixe que parecia ser grande, tive a ideia de enfiar a mão no fundo para tirar o peixe, então, senti a pressão, dei um grito puxando minha mão para fora. Falei é um PORAQUÉ, minha irmã se assustou e começou chorar, pedindo para irmos embora, peguei a faca e cortei a linha segurei o remo e voltamos pro Kharb, só parei de tremer depois de algumas horas, Susy contou para mamãe, que na hora disse: “Bem-feito”, isso era pra eu parar de ser atentada. **Essas lembranças permanecem até hoje**, ainda sou apaixonada por essa aventura.

Essa história narra uma aventura infantil repleta de curiosidade e desobediência, resultando em uma experiência memorável e formativa. A protagonista, junto com sua irmã, desobedeceu à mãe para ir pescar e acabou se deparando com um poraquê, uma enguia elétrica, que assustou e fez repensar suas ações. A experiência destaca a importância de ouvir os pais e as consequências da desobediência, ao mesmo tempo em que celebra a coragem e a curiosidade infantil. A lembrança do evento, ainda elucidada na vida adulta, ressalta como essas aventuras moldam a personalidade e a paixão pelas atividades que amamos.

Todas as narrativas compartilham algum elemento semelhante, como curiosidade, desobediência, medo, emoções, entre outros. Esses elementos moldam o indivíduo que evolui para viver em sociedade. É fascinante observar como cada experiência levou os protagonistas a refletirem suas ações na fase adulta, e por meio das experiências e

vivências contribuíram para tornarem-se cidadãos críticos-reflexivos, mas também futuros profissionais com habilidades e competência para lidar com crianças indígenas e não indígenas, todos vivenciando a complexidade da curiosidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas de infância dos acadêmicos em Pedagogia revelam como essas experiências influenciam a identidade e o comportamento ao longo da vida. As experiências compartilhadas em sala de aula não são apenas histórias individuais, mas reflexos de memórias coletivas que permeiam o tecido social de cada discente na sua vida acadêmica.

Por meio de narrativas como brincando na rua, a morte do pato e as malditas “cabas”, é possível observar como diferentes contextos e experiências culturais moldaram as infâncias dos acadêmicos. Essas brincadeiras culturais constituem elementos intrínsecos às tradições de nossa população, manifestando-se tanto nas aldeias quanto nos contextos urbanos. Observamos, no cotidiano, a prática das brincadeiras infantis que permanecem em uso até os dias atuais.

Portanto, ao explorar as memórias de infância dos acadêmicos, este relato enriquece nossa compreensão sobre a formação da identidade pessoal e nos lembra da riqueza cultural que cada indivíduo leva consigo. A preservação e partilha dessas memórias não apenas enriquecem o conhecimento acadêmico, mas também fortalecem os laços entre os estudantes e promovem uma educação mais empática e inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR/ DPaschoal, 2004.
- MOURÃO Júnior, C. A.; FARIA, N. C. **Memória. Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 4, p. 780–788, out. 2015.
- IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2011
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- NERY, Maria Salete de Souza. **Introdução às teorias da memória**: Aula expositiva pela plataforma *Meet*. Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. UESB/RTR/PPG/PPGMLS, 2020
- CANDAU, Joel. **Memórias e identidades**. São Paulo: Contexto, 2014.